

Segurança reforçada

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA – A Casa Militar mobilizou um contingente de 400 homens para garantir a segurança do presidente Fernando Henrique Cardoso durante o comício que reuniu 20 mil pessoas em Altamira, no Pará, no dia 15 de junho. Participaram da operação soldados do Exército, da Polícia Militar, da Polícia Federal e da equipe de segurança pessoal do presidente.

Esse mesmo aparato voltará a ser montado em todos os comícios do presidente, durante a campanha pela reeleição, para evitar que Fernando Henrique possa ser vítima de um atentado.

Apesar do ambiente de radicalização política da atual disputa presidencial, o ministro Alberto Cardoso, da Casa Militar, considera que não há indícios de que o presidente possa ser alvo de violências. No entanto, adverte, é preciso trabalhar com esta possibilidade.

Pelo pior – “Nós temos que nos orientar sempre pelas piores hipóteses. Fora disso, é irresponsabilidade”, explica o general.

A História recente – mesmo considerando que as circunstâncias tenham sido diferentes – indica que todo cuidado é pouco nesta área. Vale lembrar, por exemplo, que foi durante um comício, na cidade de Tijuana, em março de 1994, que o então candidato do PRI à presidência do México, Luis Donaldo Colosio, sofreu um atentado fatal. O político foi assassinado com dois tiros, quando discursava para uma platéia de 4 mil pessoas.

No ano seguinte, em novembro, quando saía de uma manifestação que reuniu cerca de 100 mil pessoas, em Telaviv, Yitzhak Rabin foi morto com dois tiros à queima-roupa. E o encontro tratava justamente da luta pela paz entre judeus e palestinos.

Se avançarmos no passado, a lista de atentados políticos, em inúmeros países, será ainda mais

longa, a começar pelas tragédias que o mundo jamais esqueceu: as mortes violentas de políticos dos Estados Unidos, como os irmãos John e Robert Kennedy – respectivamente presidente e pré-candidato à presidência nos anos 60.

O general Alberto Cardoso avalia que, por mais providências que se tome nesta área, não dá para dizer que a margem de risco é zero. No caso de Fernando Henrique, porém, dá para garantir que são pequenas as possibilidades de êxito de um atentado contra o presidente.

“Os seguranças pessoais do presidente estão instruídos a protegê-lo com a própria vida”, diz Alberto Cardoso.

Reagan – Fora daqui, não é muito diferente. Em março de 1981, em Washington, o então presidente americano Ronald Reagan saía do Hotel Hilton, onde acabava de fazer uma palestra para sindicalistas da construção civil, quando levou um tiro no pulmão esquerdo. Ele só não morreu porque dois agentes de segurança se colocaram no caminho das balas. Um deles foi atingido no peito.

No caso da segurança pessoal do atual presidente brasileiro, há uma dificuldade adicional: todos foram instruídos a serem muito discretos. “Eles não devem nem aparecer nas fotos ao lado do presidente, durante a campanha”, revela o ministro.

A segurança de Fernando Henrique em comícios será feita em linhas circulares, a partir do local em que ele estiver no palanque. Ao lado do presidente, ficará sua segurança pessoal. Perto do palanque, alguns policiais militares e, no meio da multidão, agentes de segurança velados e atentos a todos os movimentos.

Na periferia das manifestações, também haverá policiais militares e, um pouco mais afastados, ficarão soldados do Exército, preparados para qualquer situação de maior gravidade.